

Os Puris na região norte fluminense: uma trajetória de resistência, luta e sobrevivência

L.M.F. Sá^{1*}; R.C. Soares¹, S.T. Castro²

¹Afiliação 1; ²Afiliação 2

*lindalva.m@gsuite.iff.edu.br

Resumo

O trabalho realizado tem como objetivo o reconhecimento e aprofundamento acerca dos povos indígenas ao redor de Campos dos Goytacazes, de modo que haja uma valorização acerca da importância do estudo da cultura indígena e o seu reconhecimento. Resgatar a história que outrora havia se perdido e buscar uma implementação dentro da educação, de forma que haja clareza, valorização e respeito sobre o povo Puri e os indígenas dentro de um país marcado pelo preconceito. Trazer um novo olhar acerca dos indígenas nos arredores da cidade tendo em vista a miscigenação existente entre o povo. Aprender tantos saberes em uma trajetória de estudos necessários para a sociedade, uma desconstrução errônea acerca dos indígenas e reconhecimento dos Puris de forma pessoal.

Palavras-chave: Puris, Norte-fluminense, Cultura Indígena

1. Introdução

O presente trabalho resulta de uma pesquisa realizada no Projeto “A Música Indígena aos arredores de Campos dos Goytacazes e seu ensino”, fundamentado nas correntes da educação musical e da etnomusicologia, sendo esta última, responsável pelo estudo da música de determinados grupos e culturas. Aqui, pretende-se apresentar os indígenas da etnia Puri, habitantes da região norte fluminense, que é o campo de estudo desta pesquisa, uma vez que não se encontram aqueles que se reconhecem como descendentes do povo Goitacá, considerado extinto. Traz-se uma reflexão sobre a trajetória histórica de resistência, luta e sobrevivência dos indígenas que por aqui passaram destacando a importância de trazer à memória as representações e expressões artístico-musicais revisitando assim a herança cultural e histórica dos povos originários do Brasil.

2. Materiais e Métodos

2.1. Materiais

Arquivos documentais, artigos, dissertações, livros, materiais digitais.

2.2. Metodologia

Os caminhos metodológicos consistem no levantamento geral de publicações com fontes históricas referente à presença de grupos indígenas da região e suas manifestações culturais.

3. Resultados e Discussão

A região norte fluminense foi originalmente habitada pelos indígenas Goitacá. De acordo com o relato de historiadores, cronistas e viajantes que por aqui passaram a partir do séc. XVI com o objetivo de documentar a fauna, a flora, e os costumes dos povos indígenas, parte do processo de colonização, apropriação e expansão da Coroa Portuguesa pelo território

brasileiro. Pertencentes ao grupo linguístico Jê, os Goitacá eram divididos em três ramos: Goitacá-camopi, Goitacá-guassú e Goitacá-jacoritó e viviam em constante hostilidade uns com os outros. Foram descritos como arredios, hostis, guerreiros valentes, fortes e até mesmo ferozes. Também constam nos registros que eram antropófagos e destacavam-se como corredores e nadadores. Essa tribo foi considerada extinta, acredita-se pelos relatos históricos, causado pelo processo de catequização ou conversão dos indígenas ao catolicismo e até mesmo de extermínio. De acordo com a visão colonialista, era dever do homem branco cristão levá-los à catequese e ao processo de civilização, evidenciando os ideais positivistas e a crença de que o indígena era selvagem, inferior ao homem branco, portanto incapaz de alcançar a civilidade e desenvolver suas sociedades por si mesmo. Observa-se, via a verificação historiográfica, que posteriormente outros grupos culturais percorreram a região em busca de sobrevivência e manutenção de sua liberdade, como os Puris, Coroado e Coropó, também pertencentes ao grupo linguístico Jê, estes começaram a ser citados em relatos a partir do final do século XVIII pelo viajante Manuel Martins do Couto Reis.

Os Puris eram nômades, se deslocavam à procura de alimentos e habitavam próximos a rios e lagos. Originalmente viviam na região do Vale do Paraíba e era um dos grupos indígenas mais populosos, porém o uso exploratório da força de trabalho os levou à migração para outras regiões na busca pela liberdade e sobrevivência, se espalhando por toda a região sudeste do Brasil. Estes eram um grupo indígena de pequena estatura, pacíficos e não entravam em guerra, a não ser para defender as suas terras de outros grupos ou de outras agressões.



Figura 1. Indígenas Puris. RUGENDAS,1835

Os Puris chegaram a ser declarados extintos no séc. XIX, resultado das violentas políticas de aldeamento, catequização, escravização e etnocídio, porém, hoje encontra-se em processo de retomada de comunidade, cultura, língua e território. A busca pelo reconhecimento, identificação, mostra que o Puri nunca deixou de existir, mas sempre esteve presente através de suas tradições na cultura brasileira, como por exemplo, o uso das ervas medicinais e outras tradições passadas de geração a geração. No decorrer da pesquisa, descobriu-se que atualmente, nos Estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais há um movimento de autorreconhecimento de

grupos de pessoas com a etnia Puri¹, o chamado Movimento de Ressurgência Puri², movido por ações de revitalização da cultura e reconstrução de novas identidades puris que acontece mediante a manifestações de remanescentes e pesquisadores da própria etnia. Dauá Puri, Jurandir Puri e outras lideranças indígenas que, em busca de suas origens, realizam um trabalho de resgate cultural dentro do Movimento de Ressurgência Puri produzem textos literários, contando histórias, poesias, transcrevem e compõem músicas na língua Puri. Suas produções incluem elementos da natureza e conhecimentos milenares que são ensinados e compartilhados com os demais remanescentes indígenas.

Os cantos, as danças eram muito presentes na cultura desse povo, muitas vezes ligados a rituais, à espiritualidade e a luta, como se vê a seguir, nesta canção resgatada e transcrita por Jurandir Puri, que se trata de um canto de vitória da guerra contra os Botocudos, outro grupo indígena do Espírito Santo.

Hô hô bugre

Ita naji

Guaschantl'eh, Guaschantl'eh

Ah, ah, canjana

Maschê, tch'mbá

Ô, ô bugre

Os inimigos foram vencidos

Pular, pular

Eu, eu, cachaça

Comer, beber

As canções são acompanhadas de instrumentos musicais construídos com elementos da natureza, alguns exemplos são o maracá, um tipo de chocalho confeccionado com cabaça e sementes, flautas de bambu, ossos e taquara, a viola de taquara, e outros instrumentos musicais.



Figura 2. Maracá e outros objetos, 2013



Figura 3. Aldeia Uchô Puri, São Fidélis - RJ

Em setembro de 2022, o projeto de pesquisa realizou sua primeira pesquisa de campo, na Aldeia Uchô Puri. Localizada em Pirai, zona rural de São Fidélis (RJ), a Aldeia é ponto de referência e encontro da etnia Puri e foi criada com o intuito de ser um centro de pesquisa (agroecologia, proteção do meio ambiente, resgate cultural, artesanatos). Lá, fomos recebidos pela anfitriã Solange Reis, (de nome indígena Opehtahra Nhãmanrúri Puri), mais conhecida

¹ (OLIVEIRA; COSTA, 2019).

² Criado em 2014, o Movimento de Ressurgência Puri é um espaço não governamental e apartidário, que reúne e articula em rede, parentes autodeclarados/autoidentificados puri e parceiros/aliados num processo permanente de busca e construção dessa identidade.

como Sol Puri. Solange é militante, ativista indígena, licenciada em Educação do Campo pela UFV e também faz parte do Movimento de Ressurgência. Uma fala muito importante trazida por ela é acerca do quantitativo de indígenas no Brasil, apesar de existir o Censo, são poucos os que participam dele, ou seja, o real valor pode ser triplicado diante do que os dados revelam. Ainda há a necessidade de conscientização do povo indígena se autodeclarar indígena e não pardos, independente do tempo. O negro sempre foi negro, o branco sempre foi branco e porque o indígena deixou de ser indígena? Apesar dos costumes terem mudado, eles continuam sendo indígenas.

4. Conclusões

A história do povo indígena brasileiro é marcada pela invasão, pela violência, opressão, abusos e discriminação. A cultura dos povos originários tem sido deturpada ao longo dos séculos por visões estereotipadas e preconceituosas sobre os valores, costumes e tradições; reforçada e replicada pela mídia, e até mesmo nos livros didáticos. Retratado como povo selvagem, isolado no interior da floresta, os povos indígenas buscam o resgate de sua identidade e viver numa sociedade mais justa onde são acolhidos e respeitados, tendo seus direitos assegurados. Para tanto, o caminho que a sociedade precisa seguir é o de uma reforma estrutural, começando pela educação e conscientização. Cabe então ressaltar, neste sentido, a Lei 11.645/2008 que altera as diretrizes e bases da educação para incluir no currículo oficial da rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História da cultura indígena e afro-brasileira nas escolas” que precisa ser cumprida de forma a desconstruir esse cenário por meio de propostas curriculares que promovam a cultura indígena. Infelizmente é passada uma visão muito distorcida do indígena, que eles estão apenas na Amazônia e distantes. Que se eles tirem os adornos eles não são indígenas, mas pelo contrário, eles são indígenas, há sangue, cultura dentro de cada um. Falta o reconhecimento do indígena em ser indígena e o reconhecimento do sistema acerca dos mesmos.

Agradecimentos

Ao Instituto Federal Fluminense campus Campos Guarus.

Referências

- [1] ALVES, Viana Priscila. Representações dos índios Goitacá na Paisagem Contemporânea de Campos dos Goytacazes. **VII Congresso Brasileiro de Geógrafos**; Vitória/ES. 2014.
- [2] FALCÃO, H.G; TEIXEIRA, Simonne. Construindo a história dos Povos Indígenas da bacia do baixo Paraíba do Sul. In: **II Congresso Fluminense de Iniciação Científica e Tecnológica**, 2010, Campos dos Goytacazes, RJ.
- [3] NEVES, R. S. K.; VICTAL, J. Ocupação indígena ao longo do Rio Paraíba do Sul no período colonial. In: **XX Encontro de Iniciação Científica da PUC-Campinas**, 2015, Campinas. Anais do XX Encontro de Iniciação Científica da PUC-Campinas. Campinas: PUC-Campinas, 2015. v. 1.
- [4] OLIVEIRA, Tatiana Gonçalves de; COSTA, Henrique Antônio Valadares. **Os Puri no Sul do Espírito Santo: Ocupação, Territorialização e Trabalho Compulsório**. Goiânia, v. 17, n.2, p. 462-475, jul./dez. 2019.